

Anotações da Introdução e da Homilia de Julián Carrón
No retiro de Advento da Fraternidade São José
Pacengo (VR), sexta-feira, 29 de novembro de 2019

Na entrada: F. Schubert, Sinfonia n. 8 em si menor “Incompleta”, Carlos Kleiber - Wiener Philharmoniker
“Spirto Gentil” n. 2, Universal

Quem de nós, participando da Jornada de Outubro, não desejou ser totalmente magnetizado por Cristo? Penso que no início deste nosso gesto não haja nada mais urgente, para cada um de nós, do que o reacontecer dessa conquista do nosso eu até às entranhas. Mas isto não pode ser produzido por nós, esse sermos totalmente conquistados não é fruto de uma tentativa nossa, de um êxito nosso. É algo que tem de acontecer; pede, sim, a nossa disponibilidade, mas esse acontecer é uma graça. Portanto, quanto mais o desejamos, mais o pedimos com intensidade ao Espírito. Pois é o Espírito quem faz Cristo penetrar dentro do nosso eu, até o ponto de torná-Lo realmente nosso. Só o Espírito pode fazê-Lo penetrar até chegar ao centro do coração.

Veni, Sancte Spiritus

• *Canzone degli occhi e del cuore*

Boa noite a todos. É um prazer estar com vocês neste início de retiro de Advento para olharmos juntos as coisas que mais nos interessam. E o que é que mais nos interessa? No tempo de Advento – que vai começar no domingo –, o que mais interessa à Igreja é a espera. Nós esperamos! Com essa espera, queremos preparar-nos para o fato de Cristo, no Natal. Todo ano eu não consigo começar o tempo de Advento achando que essa espera seja óbvia. De fato, quantas pessoas há que não esperam? Para muitos não há nada que esperar. Esperarmos, então, não tem absolutamente nada de óbvio. Por isso cada um de nós deve perguntar-se: “Por que esperamos? Por que a nossa vida é cheia de espera e de desejo?” Certamente não porque sejamos melhores do que os outros. Perguntemo-nos então: “Quem nos dá esse desejo, quem desperta em nós essa capacidade de esperar?”

A espera pertence à nossa natureza – todos participam dessa natureza –, mas normalmente encontramos gente que já não espera. E nós, por que esperamos, então? Porque a nós aconteceu alguma coisa. Nós esperamos porque Cristo já veio e despertou em nós toda a saudade d’Ele, todo o desejo d’Ele, toda a espera por Ele. Se formos pensar em nós mesmos, em toda a nossa espera, qual foi o ponto de origem dela senão o fato de Cristo? É como quando a gente sente saudades da pessoa amada: é preciso antes ter ocorrido o encontro com ela ou com ele. Por isso a espera por Ele já é um sinal da presença de Cristo dentro de nós, que a desperta constantemente; uma espera que a Igreja recomenda viver ainda mais no tempo de Advento.

O que nós esperamos? Esperamos a Sua presença. Esperamos a Sua volta. Por isso a Igreja conecta a espera pela vinda de Cristo na festa do Natal à espera pela volta final de Cristo. Como não desejar encontrar a Cristo? Que unidade entre a espera pela Sua presença, pelo Seu Natal, e a espera pela volta definitiva de Cristo! Isso não pode senão lembrar-nos a pergunta de Jesus que citamos na Jornada de Outubro (e que Dom Giussani nos fizera no início do ano de 2018): “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra? (Lc 18,8)” (“Quem é este?”, *Passos*, nov/2019, p. 23). Encontrará em nós a fé ou nos encontrará atarefados? Será que vai encontrar-nos com muitas coisas a fazer para a Sua causa, para a Sua Igreja, mas, como nos disse Dom Giussani, com o coração longe de Cristo, porque Ele já não é o tesouro do nosso coração? Esta é a pergunta que sentimos como mais pertinente à nossa vida, pois até podemos fazer muitas coisas certas, mas quantas vezes nos surpreendemos por o nosso coração não estar conquistado por Ele! Quando isso ocorre, é como se Ele não existisse, é como se Cristo não tivesse a atratividade suficiente para conquistar tudo de nós, é como se não preenchesse toda a espera que despertou em nós. Mas, se Ele não preenche o nosso coração, acabaremos ficando distraídos com todas as outras coisas, querendo ou não. Se Ele deixasse de nos conquistar, se deixasse de ser interessante para nós, ficaríamos à mercê de todo o resto. O que dissemos na Jornada de Outubro é um teste para cada um de nós: na situação de niilismo em que vivemos – como dizia Galimberti –, em que nada parece conquistar-nos totalmente, ficamos como canhões soltos; se nada nos consegue magnetizar totalmente, ficamos à mercê de tudo, de todas as coisas que temos de

fazer, de todas as nossas preocupações, de todos os nossos pensamentos.

Se Ele voltasse neste instante, ainda encontraria alguém tomado pela Sua presença, ainda encontraria alguém totalmente tomado pela fé n'Ele? Insisto, podemos fazer muitas coisas e não estar conquistados. É quase inevitável. Se pegarmos as frases citadas por Dom Giussani no início da Escola de Comunidade sobre *Deixar marcas na história do mundo* – frases das quais viveu por muitos anos –, por exemplo esta: “Que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?” (Sl 8,5), e fizermos a comparação conosco, não sei se acontece também com vocês, mas eu me digo sempre: que poder tinham sobre ele! Não julguem erroneamente esta minha afirmação, que não a faço para nos flagelar por não estarmos à altura, mas para despertar toda a nossa inveja: o que é que perdemos se também em nós não acontece o que acontecia a Dom Giussani ante determinadas perguntas do Evangelho? Digo-o apenas para despertar toda a nossa vontade, todo o nosso desejo de viver a mesma experiência. Se Dom Giussani pôde viver assim, nós também podemos viver assim. Como disse uma pessoa recém-chegada e totalmente conquistada: “É possível viver assim?”

O que há de mais bonito do que começar o caminho da São José com essa pergunta? “É possível viver assim?” Nós podemos responder que sim. Sim, porque vimos alguém viver assim até o último instante. Quase no fim da sua vida, ouvimo-lo dizer perante o Papa e toda a Igreja: “Que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?” Nenhuma pergunta jamais me impressionou tanto como essa, em toda a minha vida” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 9), de tanto que o conquistou. Então não percam tempo medindo-se, mas façam com que esse desejo de viver assim vire um pedido a Cristo: “Senhor, eu não quero perder a vida vivendo. Eu quero ser conquistado como vi, como vejo Dom Giussani ser conquistado, como vejo ao meu lado pessoas conquistadas, até a última a chegar”. Quantas vezes o último a chegar devolve a nós, que podemos estar aqui há tanto tempo, todo o frescor da vocação, como a amiga que perguntou: “É possível viver assim?”

Que responsabilidade temos de testemunhar a quem chega e de nos testemunhar mutuamente – não com palavras, mas com uma vida conquistada – que é possível viver assim! Que mais podemos desejar para nós? Que quando Cristo voltar ainda encontre em nós uma pessoa toda magnetizada por Ele, toda conquistada por Ele. Sem essa Sua conquista, nada nos pode magnetizar. É como disse Malraux, o pensador francês: “Não há ideal a que possamos sacrificar-nos, porque de todos eles conhecemos a mentira, nós os que ignoramos em absoluto o que seja a verdade” (A. Malraux, *A tentação do Ocidente*, Lisboa: Livros do Brasil, 2005). Se não houvesse nada tão verdadeiro, tão fascinante, tão belo a ponto de nos atrair e conquistar, Malraux teria razão.

E nós? Temos algum recurso para nos deixar atrair? Muitas vezes pensamos: “Sim, temos a nossa vontade, a nossa energia, as nossas atividades”. Mas não é isso. Nós temos algo mais elementar do que tudo isso, pois não é preciso nenhuma capacidade específica para nos deixar conquistar. Sabem o que é preciso? Alguma coisa graças à qual uma realidade como a de vocês pode ser uma possibilidade para todos, qualquer que seja a situação, a idade, a condição e as circunstâncias que tenham vivido. O quê? A nossa humanidade, a humanidade de vocês. Hoje vocês aqui são para mim o maior espetáculo de como qualquer tipo de humanidade pode ser conquistada por Cristo! Não importa em que situação a gente esteja. É só deixar-se conquistar como se é. Essa humanidade mesma – que tantas vezes vivemos quase com desgosto, pois as contas não fecham, pois não gostamos, por causa de todos os limites que identificamos em nós –, essa humanidade é a única, a única capaz de ser conquistada por Cristo, e conquistada até as entranhas. Por isso é maravilhoso ver isso no Evangelho e também em vocês: cada um, com o próprio caminho, com as próprias dificuldades, com a própria história, pode ser conquistado, como a pecadora de que falamos na Jornada de Outubro: aquela mulher tentara satisfazer seu desejo de muitas formas (assim como a Samaritana trocara cinco vezes de marido), mas o que é que permanecia nela, além de todos os seus erros? A sua humanidade – mesmo com todos os erros cometidos –, tanto é que, quando encontrou aquele Homem – Jesus –, ficou tão magnetizada que não houve jeito de impedi-la, desafiou a todos, foi ao banquete para lavar-Lhe os pés com suas lágrimas. Esta é uma das coisas mais bonitas que Dom Giussani nos comunicou: identificando-se continuamente com o Evangelho (ao passo que nós normalmente lemos esses relatos dando-os por óbvios), identificando-se vez após outra, fez-nos vibrar mostrando-nos como Jesus se dirige à nossa humanidade, como Jesus se dirigia à humanidade ferida e às vezes cheia de limites; nada O impedia.

Quem nos dera por um instante olhássemos para a nossa humanidade assim! Quem nos dera nos surpreendêssemos num instante de ternura pela nossa humanidade! Seria uma festa. Uma festa! Como disse Dom Giussani na Praça de São Pedro em 1998: “Mulher alguma jamais ouviu outra voz falar de

seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto de seu seio, com uma afirmação totalmente positiva de seu destino; só a voz do judeu Jesus de Nazaré. [...] Nenhum homem pode sentir-se afirmado com essa dignidade de valor absoluto, independentemente de qualquer sucesso seu. Ninguém no mundo jamais pôde falar assim!” (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 9). O que deve ter vibrado em Dom Giussani ao longo de toda a sua vida para ele ter podido dizer isso? Não tinha um Evangelho diferente do nosso nem escutava outro Evangelho. O Evangelho era o mesmo que nós lemos, mas muitas vezes nós não o percebemos como ele o percebia. Consequentemente, a nossa vida não fica conquistada.

O que será que Dom Giussani experimentou para chegar a dizer uma coisa como esta? “Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. [...] ‘Quem poderá jamais falar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?’ Repito essas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos!” (Ibidem, pp. 9-10). Só tendo a nossa humanidade agarrada e abraçada assim é que podemos tornar-nos realmente nós mesmos. Isto não depende de um esforço nosso, mas simplesmente do deixar-se conquistar totalmente: “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é!” (Jacopone da Todi, “Lauda XC”, in Idem, *Le laude*, Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313). Por isso Dom Giussani sempre nos disse, como podemos ler no início de *Na origem da pretensão cristã* – que comoção cada vez que o relemos! –, no primeiro parágrafo: “Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu sou’”, sim, à minha humanidade, ao meu eu. “E apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo [reparem na diferença entre como nós tratamos a nossa humanidade e como Dom Giussani olha para a dele] pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer [...] Cristo”. De fato, “sem essa consciência, até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome” (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 11).

Portanto é impressionante quando ouvimos as pessoas intervirem, por exemplo na Escola de Comunidade; lembram-se do testemunho daquela amiga nossa que hoje está aqui conosco? Ela encontrou uma jovem mãe muçulmana que a certa altura tirou o véu e lhe mostrou o rosto. Como não deve ter-se sentido olhada por ela, que intensidade de olhar não deve ter percebido sobre si para ter feito esse gesto? Esse gesto comunica Cristo mais do que todos os discursos que possamos fazer sobre Ele. Portanto não se escandalizem, como fazem alguns, quando uso a expressão “até às entranhas”! Se essa mulher não se tivesse sentido conquistada até às entranhas devido ao encontro com a nossa amiga, jamais teria tirado o véu, nem morta! No entanto, como se sentiu invadida! – como disse Dom Giussani perante o Papa: “Reconhecer o que é Cristo na nossa vida invade, portanto, a totalidade de nossa consciência do viver” (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 10) –, muito embora ainda não soubesse o que lhe acontecera. O que será que ela experimentou, que a tornou ela mesma a ponto de ser livre, de comunicar tudo de si, de se desvelar na frente da nossa amiga? Quem não gostaria de ficar tão magnetizado por Cristo?

Nós começamos este tempo de Advento com o desejo de que o Natal não seja uma mera formalidade, uma recorrência que deve ser lembrada, que não nos faz esperar mais do que um almoço em família. Que potência quando Cristo acontece, como experimentaram os pastores, Nossa Senhora, São José! Diante daquele fato, absolutamente transtornante, a letícia – a letícia! – invadiu toda a vida deles. Via-se que tinham reconhecido algo, pois a letícia lhes preenchia o coração. Dom Giussani descreve milimetricamente o que ocorre quando alguém O reconhece: “Podemos ver que o reconhecimento é verdadeiro pelo fato de a vida, assim, ter uma última e tenaz capacidade de letícia” (Ibidem).

Por isso, quando vemos determinados personagens no Evangelho, que com simplicidade de coração deixaram que a humanidade de Cristo expressasse toda a Sua paixão pela humanidade deles, ficamos sem palavras.

“Foram então a Jericó, e quando Jesus estava saindo da cidade com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. Ouvindo que era Jesus, o nazareno, começou a gritar”. Só se grita quando se está diante de alguém, quando se espera alguém que foi encontrado. Nós esperamos porque nos aconteceu encontrar Alguém. Nós podemos gritar porque há Alguém presente a quem nos podemos dirigir. Muita gente deve tê-Lo visto passar, mas quem gritou para Jesus? Só aquele cego. “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim.” Muitos, que não sentiam a urgência de gritar por não precisarem que Ele respondesse a toda a sua humanidade, repreenderam Bartimeu para que se calasse, uma vez que estava incomodando. Mas ele

estava tão tomado por aquela Presença, que não pôde deixar de gritar, e gritar ainda mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim” (Mc 10,46-48).

Quando Jesus nos vê tão desejosos, o que Ele faz? O cego de nascença não participara de um curso de Exercícios Espirituais, simplesmente seguira a sua própria humanidade. Não é preciso um *master* em Harvard ou algo de particular, senão estar desejoso. Bartimeu era como os demais, mas diferentemente dos demais importava-se com a sua própria humanidade, de modo que não se contentava com menos do que tudo, e por isso gritava. Então Jesus, enquanto os outros tentavam calá-lo, “parou e disse: ‘Chamai-o!’ Então chamaram o cego, dizendo: ‘Coragem, levanta-te! Ele te chama!’” Imaginem como esse homem deve ter-se sentido: “O cego jogou o manto fora e, com um pulo, foi até Jesus”. Na sua sobriedade milimétrica, o Evangelho não aumenta as coisas, mas todos imaginamos a cena com precisão. “Jogou o manto fora e, com um pulo, foi até Jesus. Este lhe perguntou: ‘Que queres que eu te faça?’” (Mc 10,50-51). Jesus comoveu-se com o nosso nada, com a nossa humanidade tal como é. “Que é o homem, para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?” Em Jesus vemos encarnada a resposta ao Salmo 8. O que Jesus vê em nós que nós não vemos? Desta forma nós também gritamos a Ele: “Rabuni, que eu veja”, que eu consiga enxergar. Jesus deu ao cego de nascença muito mais do que a visão física; ao curá-lo não permitiu simplesmente que ele visse quem estava na frente, mas alargou a sua capacidade de ver, fazendo-o reconhecer a excepcionalidade da Sua presença. Tanto é verdade, que depois de Jesus ter-lhe dito: “Tua fé te salvou”, o Evangelho narra que O seguiu. O que será que ele viu, que não pode fazer mais que segui-Lo?

A fé a que se refere Jesus com a pergunta: “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra?”, não é o resultado de um esforço nosso, mas consiste na simplicidade de um reconhecimento por termos sido magnetizados, conquistados, como se deu com Bartimeu: “Que eu veja”, que eu seja conquistado. “E imediatamente ele começou a ver e foi seguindo Jesus pelo caminho” (Mc 10,51-52). O seguimento não é um esforço nosso, e sim porque não queremos perder o que vimos.

Desta forma, no início deste retiro peçamos que Ele nos cole, que nos cole com “demãos de cola”, porque, se Cristo não nos colar, quando voltar não encontrará em nós a fé; talvez encontre alguém atarefado, mas não conquistado, magnetizado por Ele.

Aproveitemos estes dias para nos ajudar, para nos sustentar neste grito, o mesmo do cego de nascença: “Senhor Jesus, tem compaixão de nós!” Este grito nasce do desejo de sermos magnetizados por Ele. Assim poderemos surpreender-nos mais uma vez com a Sua vinda. Que nos encontre a todos desejosos por Ele! Se viesse agora, se por acaso viesse agora – seria o máximo se viesse tão cedo! – e encontrasse toda a São José desejosa d’Ele, não seria bonito? Não seria a coisa mais bonita? Quem não deseja isso? Nada é comparável a isso. Portanto peçamo-Lo, ajudemo-nos uns aos outros nesse grito por Ele que vem. No silêncio destes dias, que nada nos distraia desse grito. Afinal, quanto mais O desejamos, mais abrimos espaço para Cristo conquistar tudo de nós e assim – qualquer que seja a forma da Sua vinda à nossa vida – podemos ouvir dizerem-nos, como disse ao cego de nascença: “Tua fé te salvou”, ou seja, teu reconhecimento d’Ele te salvou, tua disponibilidade te salvou, teu deixá-Lo entrar te salvou, não a tua capacidade, mas o teu deixá-Lo entrar. O que é a salvação? A salvação não é qualquer coisa que acontece como uma rotina, e sim esse ser conquistado – vibrando – por Ele.

Não desejamos mais do que ser totalmente magnetizados por Cristo, pelo Cristo que vem. Dissemos na Jornada de Outubro: “Este, então, é o teste que documenta a presença de Deus na história, ou seja, Cristo operando em nossas vidas: que somos ‘bloqueados’, magnetizados por Ele” (*Quem é este?*, op. cit., p. 23). Cristo assumiu a nossa humanidade justamente para nos magnetizar. Se a distância da Sua divindade não se fizer novamente concreta, humana, carnal, histórica a ponto de nos magnetizar, viveremos como canhões soltos, mesmo se continuarmos permanecendo na associação ou na Igreja ou num clube cristão qualquer. A questão não é ter a carteirinha do grupo ou do clube, a verdadeira questão aqui é uma só: ficar magnetizado, a ponto de poder gritar a todo o mundo: “Cristo existe, há Alguém que responde a esse nosso nada!” Há Alguém que toma conta de nós. Há alguém que nos salva de ficarmos à mercê de tudo, uma Presença capaz de nos fascinar para sempre, qualquer que seja a situação, a idade, a condição de vida, a história e as feridas que carregamos conosco. Nada disso é um obstáculo. E quem pode gritar isso melhor do que vocês? De onde pode vir uma sinfonia mais bonita, maior e mais capaz de não deixar ninguém sentir-se excluído? É um consolo que na Igreja de Deus haja lugares como este, onde é possível encontrar um grupo de pessoas tão diferentes, que passaram por todas as aflições e todas as dificuldades da vida, tendo-se encontrado nas condições existenciais as mais diversas. Um grupo mais heterogêneo do que este é difícil de encontrar, aliás, acho que seja praticamente impossível. Mas isto quer dizer que é para todos, para todos sem exceção. Isso tira

qualquer reserva, porque tudo se apoia no ser conquistado, magnetizado por Cristo presente.

Como eu disse aos amigos do Conselho Diretor da São José, pensando em vocês veio-me à mente uma frase que resume a vocação de vocês; pela condição em que estão, a forma da vocação de vocês pode ser resumida com estas palavras de Dom Giussani: “A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência” (*O senso religioso e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155). Cada um de vocês, nas condições em que vive, baseia tudo na consciência de estar magnetizado por Cristo. Esta é a força de vocês, esta é a força do testemunho que vocês dão de Cristo, na mais ilimitada variedade de formas. É extraordinário haver na Igreja um lugar como este. Aqui se demonstra a vitória de Cristo, uma vitória que vocês, na simplicidade de deixar-se conquistar por Ele, testemunham a todo o mundo. Na Missa, peçamos essa simplicidade.

SANTA MISSA

Liturgia da santa Missa: Dn 7,2-14; Sl. Cf. Dn 3,75-81; Lc 21,29-33

HOMILIA

Após a leitura do profeta Daniel, cheia de animais estranhos – como se estivéssemos vendo a cena de um filme –, dissemos: “Palavra do Senhor. Graças a Deus”. Mas que palavra é essa, pela qual damos graças a Deus? E o que é esse livro estranho? É um gênero literário nascido num momento de perseguição do povo de Israel, de modo que, para manter a fé dos judeus, era preciso falar uma linguagem inacessível aos inimigos. Por isso ninguém o entendia – nem vocês –, a não ser quem era introduzido ao significado das imagens. Por meio da visão das grandes feras que emergem do mar, do profundo do abismo, Daniel fala ao povo sobre os reinos que lutam contra Israel, contra os fiéis do Deus de Israel. O primeiro animal é parecido com um leão com asas de águia, o segundo assemelha-se a um urso, etc. (como os animais estranhos de alguns filmes que seus sobrinhos veem). São o símbolo dos poderes, dos impérios da época, que perseguiram os judeus; no tempo em que o profeta Daniel escrevia, eram os descendentes de Alexandre, o Grande que estavam oprimindo Israel (vimos isso recentemente também nas leituras do livro dos Macabeus). Portanto, com esse gênero literário, chamado “apocalíptico”, buscava-se sustentar a fé do povo. É como se Daniel dissesse: “Vejam que esses impérios não são nada, mas nada mesmo; parecem ter um poder que nos amedronta, que nos assusta, mas na verdade não são nada”. Com efeito, junto com a descrição do poder desses animais, o profeta introduz uma nova imagem, a de um ancião, que é o sinal de Deus e que por isso é descrito na linguagem do Antigo Testamento com os sinais próprios do divino, que são a veste branca como a neve, os cabelos da cabeça como lã pura e o trono no qual está sentado. Daniel serve-se da figura do ancião sentado no trono enquanto julga todos os povos, para que aqueles que eram perseguidos não ficassem no medo. O ancião, de fato, tinha milhares de milhares que o serviam e milhões de milhões que o assistiam; dele chega o juízo: “Foi-lhes tirado o poder”, que era como dizer: “O poder e a duração de cada reino representado pelos animais têm um término, não se assustem! Parecem destinados a durar para sempre, mas na verdade não são nada”. Por quê? Porque “vinha um como filho de homem” a quem serão dados “poder, glória e realeza”. Será justamente esta a expressão com que Jesus se designará a si mesmo: “O Filho do Homem”. Com efeito, dirá: “Quando o Filho do Homem voltar, ainda encontrará fé sobre a terra?” (Lc 18,8). É como dizer: “Quando eu voltar, ainda encontrarei alguém que tenha acreditado no poder da minha Presença?”

Nós também, como o povo de Israel, sentimo-nos assediados, e às vezes ficamos amedrontados com a situação em que estamos, por causa das condições em que somos chamados a viver a fé. Justamente por isso, a Igreja hoje nos faz escutar estas leituras, e é como se nos dissesse: “Todas essas coisas não são nada, nada, mas nada mesmo! Mas será que ainda há alguém que crê n’Ele e não se deixa assustar por essas coisas?” E que sinal nos dá? O do Evangelho, que é mais admirável ainda do que o dado pelo profeta; Jesus dá um exemplo quase banal, mas decisivo: “Olhai a figueira e todas as árvores. Quando vedes que elas estão dando brotos”. No tempo de Advento ouviremos várias vezes reproposta essa imagem do broto. É como se víssemos um tronco enorme, 99,9% seco, sobre o qual desponta um broto. Um broto! Quem apostaria num brotinho!? Mas toda a secura do tronco não consegue eliminar o broto. Nele está depositada toda a esperança de que aquela árvore possa renascer. Um broto. Todo o resto não é nada, não pode nada contra o poder desse broto. Com essa imagem Jesus está dizendo: “Se

não olhardes para o broto que eu ponho na frente dos vossos olhos, no meio de toda a situação de perseguição – naquela época e hoje em dia – e de confusão, se não prestardes atenção a esse broto, sereis esmagados pelo medo”.

Jesus tranquiliza-nos: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”. Esta é a certeza por que podemos dizer “Sim”, “Palavra do Senhor. Graças a Deus”, porque a Sua palavra se cumpre. Sabem por que se cumpre? Porque de todos os reinos do tempo de Alexandre, o Grande, dos Medos, dos Persas, de Nabucodonosor, não resta nada, nada, nada mesmo! Ao passo que Ele permanece, como testemunha cada um de nós que O reconhece. As Suas palavras não passam, e hoje nós somos a prova disso.